

# Raparigas preparadas para evitar casamentos prematuros

Notícias, Manica em foto, 07.06.2017, pág. 04, ed. 30.067



Grupo social para o qual são direccionadas as campanhas contra casamentos prematuros

CERCA de 1800 raparigas com idades compreendidas entre 14 e 19 anos, e mulheres de 20 aos 24 anos de idade, serão abrangidas pelo pacote integrado de saúde, educação, prevenção de casamentos prematuros e violência baseada no género até 2018.

O projecto neste sentido está a ser levado ao cabo pela Girls Child Rights (GCR), uma organização vocacionada à advocacia dos Direitos da Rapariga, que neste momento funciona na sua fase-piloto na província de Manica, com acções direccionadas apenas ao bairro 7 de Abril, arredores da cidade de Chimoio.

Estima-se que desde o arranque do projecto em Fevereiro um total de 362 raparigas já foram abrangidas pelo serviço de testagem de HIV/SIDA, acesso e adesão aos serviços de saúde sexual e reprodutiva.

Estes dados foram tornados públicos há dias no bairro 7 de Abril durante a passagem da caravana de divulgação dos direitos da criança, com maior enfoque na saúde sexual e reprodutiva por parte das raparigas, cujo propósito é consciencializar as jovens e adolescentes a conhecerem o

seu estado de saúde e partilha de experiências.

Miguel Jambo, coordenador da GCR, falando à propósito deste projecto, disse que a finalidade é o bem-estar da saúde sexual da rapariga e evitar casamentos precoces, chamando a atenção das raparigas e aconselhá-las a procurarem os serviços de saúde nas unidades sanitárias.

O coordenador da GCR explicou que a escolha do bairro 7 de Abril para o arranque da fase-piloto do projecto, justifica-se por ser populoso, recôndito em relação à cidade e com elevada prevalência de casamentos prematuros, bem com a promiscuidade sexual em raparigas.

"Daqui em diante vamos entrar noutras zonas suburbanas, estamos a olhar para outras zonas. Identificámos que existem nestas zonas maior vulnerabilidade de as raparigas aderirem aos casamentos prematuros, colocando o seu futuro em risco", disse Miguel Jambo.

Jambo acrescentou que um dos riscos é que a rapariga não conhece os seus direitos sexuais e reprodutivos e isto, aliado ao facto de não saber onde exactamente ficam

os serviços que ela pode procurar ao nível das unidades sanitárias, agrava a sua vulnerabilidade.

"Neste programa contamos com o apoio do Programa de Emergência do Presidente do Estados Unidos para o Alívio do Sida e a GCR espera que até 2018 sejam alcançadas 1800 raparigas de 14 a 19 e 20 a 24 anos, com serviços abrangentes.

Neste processo, segundo a fonte, as raparigas são munidas de conhecimentos básicos de saúde sexual e reprodutiva que englobam a prevenção e adesão aos serviços "e também olhamos para a questão das referências".

"Estamos a alinhar este programa para que parte das raparigas nossas sejam testadas e depois de conhecer o seu estado possam começar com o tratamento visando garantir uma vida saudável", disse.

Joana de Jesus, uma das 10 activistas que trabalham neste momento no projecto, disse que a adesão das raparigas tem sido positiva, apesar de no início enfrentarem dificuldades de reunir o grupo-alvo por desconhecimento da importância das mensagens que norteiam os debates.

